

## EGOSHOT - reflexões sobre diários fotográficos em rede

Flavya Mutran Pereira

### RESUMO

Este artigo trata sobre as etapas de criação da série de fotografias EGOSHOT, construída a partir de diários fotográficos publicados na web, durante a pesquisa de mestrado em Artes Visuais no PPGAVI do IA/UFRGS. Busca-se aqui estabelecer uma reflexão sobre relatos autobiográficos anônimos na era digital, abordando as conexões técnicas e históricas entre a palavra e a imagem como meios de autoexpressão nas Redes Sociais.

**Palavras-chave:** Autorretratos, Fotografia, Redes Sociais.

### ABSTRACT

*This article discusses the steps of creating the series of photographs EGOSHOT, constructed from photo diaries published on the web for research Masters in Visual Arts in PPGAVI - IA/UFRGS. We seek to establish a reflection about autobiographical reporting anonymous on the digital age, addressing the technical and historical connections between word and image as a means of self expression in social networks.*

**Key words:** *Photography, Self-Portrait, Social Networks.*

É fato que a cada dia que passa o mundo é construído de imagens-mensagens, e cada vez mais essas mensagens são fotográficas. Para Susan Sontag (1981), nossa forma de criar narrativas visuais para cada situação do cotidiano implica em uma interrelação e interdependência entre a imagem fotográfica e a palavra, que estabeleceu um novo tipo de conexão espaço-temporal

*‘sempre – o documento humano mantém o presente e o futuro em contato com o passado’, disse Lewis Hine. Porém aquilo que a fotografia fornece não é apenas um registro do passado, mas um modo novo de lidar com o presente, como atestam os efeitos dos incontáveis bilhões de documentos fotográficos contemporâneos. Enquanto fotos velhas preenchem nossa imagem mental do passado, as fotos tiradas hoje transformam o que é presente numa imagem mental, como o passado. (SONTAG, 1981: p.160).*

A crescente inserção e uso de dispositivos de produção e veiculação de imagens em quase todas as camadas sociais parecem confirmar a idéia de Sontag de que a fotografia, desde o seu advento, tem sido responsável pela construção da cultura visual do nosso tempo, mas será que essa massificação atual da fotografia que circula em redes sociais - principalmente autorretratos -, não poderia ser comparada à explosão do gênero autobiográfico de outros períodos?

No papel de narrador compulsivo, o internauta se assemelha ao escritor dos diários íntimos do período romântico, porém ao contrário dos manuscritos do século XVIII ou XIX, os fotoblogs são narrativas audiovisuais atualizadas com pouquíssimos ou nenhum texto que lhes oriente. Segundo Roger Chartier (1998), neste início do século XXI estaríamos vivendo a terceira revolução da atividade humana ligada à forma de se relacionar com a palavra escrita. A primeira revolução teria ocorrido em meados do século XV com Johannes Gutenberg e a invenção da Imprensa, que multiplicou e popularizou a escrita, dando origem à leitura silenciosa de livros. A segunda revolução teria se dado entre os séculos XVIII e XIX, quando o leitor passou a ter uma crescente diversidade de títulos à sua disposição, e sua relação com a escrita passou de intensiva para extensiva. Hoje, os textos eletrônicos nos vêm pontilhados de imagens e sons, mudando nossa forma não só de ler como também de pensar, escrever e nos comunicar rapidamente com o mundo.

O leitor passa a ser também o narrador dessa vida instantânea que chega pelos meios digitais, mas não o faz necessariamente só com palavras, que nesse gênero autobiográfico ganham uma função diferente. Para Paula Sibília (2008), cada vez mais nossas narrativas vitais ganham contornos audiovisuais

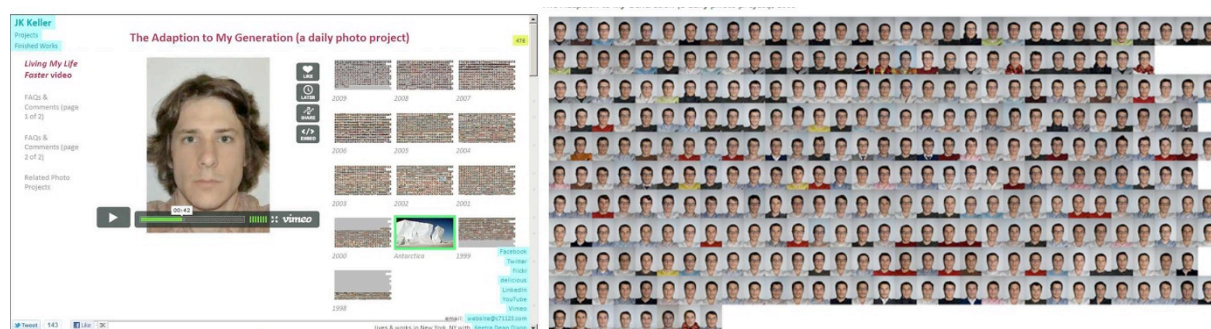
(...) os gestos cotidianos mais insignificantes revelam certo parentesco com as cenas dos videoclipes e das publicidades. Ou pelo menos nelas se inspiram, e parece desejável que com elas se assemelhem. Em certas ocasiões, chegam até a se converter nesses pequenos filmes, que são lançados ao mundo nas vitrines virtuais do YouTube, de um videolog ou de uma webcam. (...) Valorizamos a própria vida em função da sua capacidade de se tornar, de fato, um verdadeiro filme. (SIBILIA, 2008: p.49)

Diferente dos diários à moda antiga que eram secretos e protegidos por chaves e senhas ocultas, a privacidade de ontem cedeu lugar à visibilidade voluntária e sem reservas dos fotoblogs de hoje. Senhas e chaves já não fecham portas e gavetas, e sim abrem os ambientes antes privados ao olhar alheio. Chaves são palavras, que tornam-se códigos de acesso, imagens.

A chamada WEB 2.0<sup>1</sup> permitiu que o usuário comum estabelecesse sua própria maneira de se relacionar com textos, sons e imagens, criando ele mesmo seus deslocamentos, apropriações, paródias e outros tipos de procedimentos narrativos, antes restritos ao campo da arte ou da comunicação. Graças à combinação Fotografia+Internet podemos ver e compartilhar as influências que a arte - principalmente do cinema -, e os meios de massa - fundamentalmente da TV -, causaram à nossa forma de nos relacionar com os outros e com nós mesmos, e

essas influências são ainda mais marcantes nos autorretratos que circulam na web, em especial em um tipo curioso de autobiografias conhecidos como *'the daily videos'* ou *'A daily photo Project'*, espécies de diários de imagens onde cada foto torna-se uma página narrativa audiovisual.

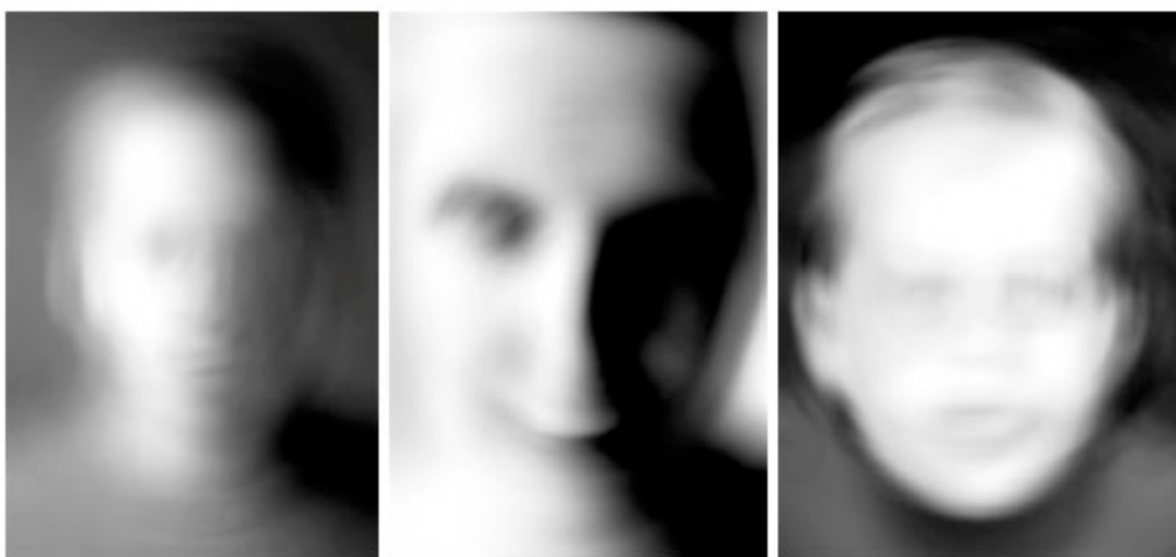
Esses diários em video são animações feitas a partir de sequências fotográficas editadas quadro-a-quadro, em que o rosto de alguém é exibido várias vezes na mesma posição, embora em tomadas diferentes, sugerindo a passagem do tempo de forma acelerada. Muitas vezes são necessários centenas, milhares de autorretratos para que se consiga montar poucos minutos em vídeo, e essas sequencias circulam na web como curtas metragens de personagens que constroem histórias cercadas de mistérios, já que pouco ou nada seus autores escrevem sobre si próprios. Poucas palavras, muitas imagens. Imagens que parecem repetidas, quase iguais, mas na verdade são únicas, diferentes entre si.



Acima, *"A daily photo Project"*, cujo autor, JK Keller, se fotografou diariamente de 1998 a 2009, para depois animar as sequencias numa linha do tempo em vídeo e publicá-los em Redes sociais (ver link: <http://www.youtube.com/watch?v=40zP3d8dAIY&feature=related>)

A partir desses videos comecei a produzir, em 2010, uma série de fotografias em P&B intitulada de EGOSHOT, criando novas interpretações para esses relatos audiovisuais. Posicionava minha câmera diante do monitor e condicionava o meu tempo de exposição fotográfica à duração de cada video. A idéia era reescrever os múltiplos frames daqueles rostos em uma única imagem, congelando cada um daqueles rostos novamente em cliques únicos. Fazer o caminho inverso dos meus personagens, imobilizando outra vez o que se mostrava acelerado, como se eu pudesse reter de fato aquelas projeções do tempo numa nova superfície, (re)criar uma memória para um vulto no espelho, na tentativa de apreender o que não se repete, a aura do tempo que se desloca continuamente.

Paradoxalmente, ao fotografar o excesso de exposição que o internauta se autoinflige nesses diários virtuais, percebi que me aproximava muito mais de apagamentos do que de inscrições. Os longos tempos de exposição fotográfica para capturar as sequências de imagens dos vídeos criavam finas camadas de luz que se sobrepunham umas sobre as outras repetidamente, e com tal intensidade, que geraram silhuetas indefinidas, como que em desaparecimento. É como se o excesso de luz do monitor interrompesse a visão, borrando as formas do rosto, causando um tipo de miopia, ou cegueira temporária.



Acima, imagens da série EGOSHOT (fotos © Flavya Mutran).

Os EGOSHOTS passaram a representar metáforas para a epidemia de cegueira branca da ficção de José Saramago, em “Ensaio sobre a cegueira” (1995). No conto de Saramago seus personagens ficam cegos não no vazio da escuridão, mas no clarão do excesso de luz que se instala nos olhos, apagando o contorno de tudo que há para ser visto, tudo que há para ser lembrado.

(...) Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era afinal, senão a simples ausência da luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava megulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis. (SARAMAGO, 1995: pp. 15-16)

Embora sejam fotografias, visualmente os EGOSHOTS não remetem aos seus referentes diretos – os internautas -, nem aos indiretos - suas autorrepresentações em vídeo. Tornaram-se seres híbridos, frutos da fricção entre tempos de apreensão e representação múltiplas. Não são retratos bem definidos próprios ao atributo

indicial da fotografia, e sim escrituras abertas e superpostas como se fossem páginas de um diário cuja grafia parece ilegível como garatujas, mas ainda assim, são escrituras, e como tais estão sujeitas aos mais variados tipos de interpretação.

De certa forma, cada EGOSHOT é uma reinterpretação desses testemunhos pessoais que tanto caracterizam a WEB 2.0, e que têm sido responsáveis por derrubar as antigas paredes que protegiam o espaço particular do escritor doméstico e seus relatos íntimos. É o rosto (EGO) o agente propulsor (SHOT) das relações objetivas e subjetivas que tratam do local e do global na cena contemporânea. E é o ego que dispara toda a operação de autoexibição e reconfiguração do círculo íntimo para a sua autoinclusão na esfera pública. Ao fotografar esses vídeos não lido somente com a apropriação, mas também questiono o quanto a relação palavra x imagem dos nossos dias está em pleno processo de mudança, ruptura, reterritorialização. Se comparados, os relatos escritos à mão de outrora possuem mais autenticidade do que os fotoblogs de hoje, e Sibília afirma que

*'eles possuem um caráter único que emana de sua originalidade material, do fato de não serem cópias infinitamente reproduzíveis por meios técnicos, mas documentos únicos e irrepetíveis'. [Contudo, para a autora essas novas escritas de si também] 'parecem exalar uma potência aurática sempre latente, embora essa qualidade não resida mais nos objetos criados, mas em sua referência autoral.'* (SIBILIA, 2008: p.37)

O caráter aurático dos fotoblogs a que Sibília se refere se daria em função de uma crença na autenticidade da vivência individual, única e intransferível, que concede aos relatos autobiográficos algum vestígio de originalidade?

A idéia sobre o impacto que a veiculação ilimitada de reproduções fotográficas causaria à aura dos objetos únicos e autênticos ainda hoje é usada como ferramenta de análise de obras de arte, e Walter Benjamin alertava que mesmo a reprodução mais perfeita carrega consigo a ausência, pois não preenche o *'aqui e agora'* e a *'existência única, no lugar em que ela se encontra'* dos originais. (BENJAMIN, 1994: p.167), porém, até que ponto seria adequado pensar em autenticidade, valor de culto e aura para tratar desses relatos virtuais?

Muito mais do que criar um rótulo para supervalorizar bens artísticos ou hierarquizar linguagens, ao estabelecer seu conceito de aura, Benjamin propôs uma nova maneira de olhar para as produções artísticas do seu tempo. Escrita há mais de 70 anos, suas reflexões trataram das transformações das potencialidades artísticas

decorrentes da reprodutibilidade técnica de imagens, principalmente em sua dimensão política e cultural, e guardadas as devidas proporções, tais argumentos nos servem ainda hoje como balizadores teóricos. O autor concentrou-se em estabelecer uma visão crítica sobre as transformações de valores e comportamentos do homem frente às então novas tecnologias e as implicações políticas que o trânsito de bens culturais teriam como forma de dominação. Mas Benjamin também já dava pistas de que os dispositivos geradores de imagens técnicas (concentrou-se na fotografia e no cinema) ao mesmo tempo em que potencializariam o valor de culto de obras únicas, também encontrariam nichos de resistência à reprodutibilidade excessiva

(...) o valor de culto não se entrega sem oferecer resistência. Sua última trincheira é o rosto humano. Não é por acaso que o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. O refúgio derradeiro do valor de culto foi o culto da saudade, consagrada aos amores ausentes ou defuntos. A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos. É o que lhes dá sua beleza melancólica e incomparável. (BENJAMIN, 1994: p.174)

O rosto, enquanto matriz, não estaria hoje fazendo o papel desses território de transformação político social e importante meio ou suporte para construções poéticas dentro e fora do campo da arte?

Para Philippe Dubois, definindo seu conceito de aura como '*a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que esteja*' (DUBOIS, 1994: p.170) Benjamin atrelou sua idéia ao efeito dialético essencialmente inerente à fotografia: o fato dela estar ao mesmo tempo ligada ontologicamente ao objeto que lhe origina, por tratar-se da impressão luminosa direta de um referente, mas igualmente ontologicamente separado do mesmo. E Dubois acrescenta

(...) acho que o valor cultural da imagem (tudo que faz dela um objeto único, mágico, participante do ritual de um culto, tudo que faz dela um objeto de crença mais do que de visão) encontra como se realizar no dispositivo fotográfico bem mais plenamente do que a maioria das outras formas de imagem. De todas as artes da imagem, de fato, a fotografia é provavelmente aquela em que a representação está ao mesmo tempo, ontologicamente, o mais perto possível de seu objeto, pois é sua emanção física direta (a impressão luminosa) e porque lhe cola literalmente na pele (estão intimamente ligados), mas é igualmente, e também ontologicamente, aquela em que a representação mantém uma distância absoluta do objeto, em que ela o coloca, com obstinação, como um objeto separado. (OP.CIT: pp.311-312)

É na existência única e irrepitível da vivência diária que o internauta constrói sua narrativa pessoal usando seu próprio rosto como se fora uma obra de arte. A forma com que as reproduções desses relatos se apresentam na web sublima o fato desse 'eu' estar inacessível fisicamente de quem cultua tais exibições como se fossem filmes. E será que o rosto e a beleza melancólica e incomparável das primeiras

fotografias citadas por Benjamin ainda seria uma trincheira de resistência frente à massificação ilimitada de cópias na era digital? Paula Sibilia aponta o deslocamento do valor de culto da aura não mais para os objetos em si - os cadernos manuscritos com esmero dos antigos diários românticos, por exemplo -, e sim para o próprio narrador como a figura ímpar desse universo virtual.

Se comparada a outras formas de escrita, a série EGOSHOT, que resulta de outras narrativas autorais, talvez seja apenas um esboço sobre as muitas linguagens digitais que circulam e coexistem na internet, em toda a sua multiplicidade e permeabilidade interpretativa. A história nos mostra que mesmo o documento aparentemente mais fiel aos fatos (como uma fotografia, por exemplo) pode ganhar conotações diversas às seus atributos denotativos, se deslocado do contexto e realinhado com outros enredos. É justamente sobre o paradoxo que ancora a linguagem fotográfica que resolvi associar a exibição pública dos EGOSHOTS a códigos que permitissem conexões diretas com seus referentes, juntado assim as minhas imagens aos *daily vídeos* originais, usando para isso a estratégia dos QR-CODES<sup>11</sup>.



Acima, montagem da série EGOSHOT na galeria Xico Stockinger, da Casa de Cultura Mario Quintana/MAC-RS, em Porto Alegre/RS (março/abril de 2011), local de exibição da Mostra Pretérito Imperfeito de Territórios Móveis. Ao centro e à direita, detalhe de visitantes acessando os *daily vídeos* através de smartphones com conexão 3G. © Flavya Mutran

Os retratos da série foram expostos em ampliações fotográficas de grandes formatos, afim de provocar um confronto entre a escala do objeto e da figura humana. Embaixo de cada cópia associei a figura de um QR-CODE que funcionava como atalho para os links da web que contém os vídeos dos internautas. A leitura dos códigos é feita através de dispositivos com acesso ao sistema 3G associado à

programas de leitura dos QR-CODES, em sua grande maioria de uso gratuito. Um pequeno texto com instruções sobre o sistema foi colocado ao lado das imagens. Meu interesse estava em conectar as imagens da série EGOSHOTS aos vídeos de origem, para que o interessado pudesse visitar esses territórios pelos quais passei, desdobrando as etapas da pesquisa e estendendo-a para além dos muros da academia e do espaço expositivo, propondo com isso uma reflexão silenciosa sobre os meios de comunicação e exibição que hoje fazemos uso.

Ao final, os rostos borrados da série EGOSHOT me fazem lembrar dos heróis da terra dos homens-livros<sup>III</sup> do filme *'Fahrenheit 451'*, de François Truffaut (1966). A história de Montag e daquela comunidade formada por homens e mulheres que esvaziavam suas memórias pessoais para serem guardiões de fragmentos da memória coletiva também inspiram os EGOSHOTS, que de certa forma passam a ser como aqueles homens-livros do Truffaut, indefinidos, como também são indefinidas as páginas virtuais que escrevem suas narrativas sobrepostas. Como aliás ficam sobrepostas todas as páginas dos livros fechados, assim como os manuscritos guardados à chave no fundo de gavetas. Uma vez trancados não se pode saber do que eles tratam.

Os homens livros de Truffaut são como símbolos do risco permanente que nossas histórias de vida correm de serem apagadas ou sofram manipulações de toda ordem. Quem sabe eles sirvam para lembrar que a linguagem é algo dinâmico e nunca permanece igual. Parece morrer e renascer como todos os ciclos orgânicos que conhecemos até aqui. Em tempos de imagens de síntese - e não só a fotográfica - a questão já nem é mais tentar substituir palavras por imagens, ou vice-versa, e sim tentar decifrar até que ponto, esses novos meios farão nossas mensagens mais humanas e tão pertinentes quanto às antigas formas narrativas de outros tempos.

---

<sup>I</sup> A expressão WEB 2.0 é usada para se referir à nova etapa de evolução da internet, cujo diferencial principal é o próprio usuário que passa a 'comandar' as ações de conteúdo e compartilhamento de informações.

<sup>II</sup> Os QR-CODES derivam de *'Quick Response'*, significa resposta rápida, transparecendo a intenção de montar um objeto de fácil decodificação e em alta velocidade, geralmente por imagem. A capacidade de compactar informações variadas faz do sistema QR-Code o meio mais indicado e seguro para catalogar dados, disponibilizá-los e acessá-los remotamente de qualquer lugar, criando códigos únicos para cada tipo de informação que se deseje guardar.



---

<sup>III</sup> A terra dos homens-livros é uma comunidade fictícia descrita no filme *'Fahrenheit 451'* (1966), de François Truffaut. O filme se passa num futuro hipotético, onde os livros e toda forma de escrita são proibidos por um regime totalitário, sob o argumento de que fazem as pessoas infelizes e improdutivas. Se alguém era flagrado lendo era preso e 'reeducado' segundo as normas do governo. Se uma casa tivesse muitos livros era denunciada e os 'bombeiros' do futuro, ao invés de apagar incêndios, os produziam para exterminar bibliotecas inteiras. Até que um bombeiro, Montag, começa a se interessar por livros, esconde um exemplar antes de queimar, é descoberto, perseguido e precisa fugir. Dado como morto, ele se junta a um grupo de exilados numa terra distante, em que as pessoas trocavam suas identidades pelo título de algum livro e esvaziavam suas próprias histórias de vida da lembrança para memorizar o conteúdo daquele livro que ganhara o nome. Sobreviviam na esperança de algum dia voltar à liberdade de republicá-los, mas para isso tinham que destruí-los antes e guardá-los na invisibilidade da memória.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. 'A Obra de Arte na era da de sua reprodutibilidade técnica'. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.01) (pp.165-196)

CHARTIER, Roger. **A história da leitura no mundo ocidental**. Vol.1. São Paulo: Ática, 1998.

DUBOIS, Philippe **O ato fotográfico**. Campinas/SP, Papyrus, 1998.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

**Flavya Mutran** é paraense e atua na área da Arte e da Comunicação desde 1989. É doutoranda em Poéticas Visuais pelo PPGAV-UFRGS, e EGOSHOT é uma das séries de fotografias produzidas durante a pesquisa de mestrado Pretérito Imperfeito de Territórios Móveis (2009-2010), sobre autorretratos em Redes Sociais, também contemplada com o XI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia (2010) na categoria Pesquisa, Experimentação e Criação em Linguagem Fotográfica. Participa do grupo de pesquisa CNPq Expressões do Múltiplo, vive e trabalha em Porto Alegre/RS.